



GUSTAVO SILVA DE FREITAS

**PARKOUR COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II
EM ESCOLA MUNICIPAL NA CIDADE DE LAVRAS-MG**

LAVRAS – MG

2022

Gustavo Silva de Freitas

**PARKOUR COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II EM ESCOLA MUNICIPAL NA
CIDADE DE LAVRAS-MG**

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Educação Física Licenciatura, para a obtenção do título de Licenciado.

Professor Raoni Perrucci Toledo Machado

Orientador

LAVRAS – MG

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Freitas, Gustavo Silva de.

Parkour como proposta pedagógica para Educação Física
escolar no Ensino Fundamental II em escola municipal na cidade de
Lavras-MG / Gustavo Silva de Freitas. - 2022.

31 p.

Orientador: Raoni Perrucci Toledo Machado.

TCC (graduação) - Universidade Federal de Lavras, 2022.

Bibliografia.

1. Educação Física Escolar. 2. Parkour. 3. Prática pedagógica. I.
Machado, Raoni Perrucci Toledo. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, mesmo não sendo religioso, pois, jamais pensei cursar o ensino superior, nem mesmo imaginava o quanto esse acesso à educação seria transformador na minha vida. Visto que meu percurso acadêmico no ensino básico foi ruim, somado a abandono e conclusão de ensino médio de maneiras preguiçosas e simplórias, bem como eu nunca ter estudado para prestar vestibular, minha nota no ENEM foi mera sorte de bons chutes, dito isso, só consigo pensar que Deus me deu uma oportunidade e eu a agarrei com unhas e dentes, me dedicando como jamais pensara fazer na vida.

Agradeço ao meu pai Ronaldo, que mesmo não apoiando a ideia de estudar, o que compreendo devido a vida que ele teve, logo suas prioridades na vida sempre foram outras mais voltadas ao financeiro, ele assumiu as contas da casa sozinho durante minha graduação, que não trabalhei a não ser nas férias.

Agradeço a minha ex-noiva Ana Luísa, ainda que não estejamos mais juntos, sempre me apoiou e me incentivou a estudar e buscar um caminho melhor, independentemente de qualquer coisa, sempre acreditou em mim.

Agradeço também e principalmente a Universidade Federal de Lavras que disponibilizou editais de bolsa remuneradas que foram fundamentais para que eu pudesse permanecer estudando, sendo as bolsas que obtive durante meu processo formativo (PIBEC) que me deram subsídio para poder chegar ao fim.

Por fim, uma imensa gratidão aos professores que participaram da minha graduação, transformando minha vida para sempre, sendo através do conhecimento, reflexão e profissionalismo, que me tornaram quem sou hoje, e tudo que espero, é ser tão bom quanto estes que fizeram parte dessa mudança.

“A vitalidade é demonstrada não apenas pela persistência, mas pela capacidade de começar de novo.”(F. Scott Fitzgerald)

Resumo

Pretendeu-se nesta pesquisa, verificar as possibilidades e potencialidades da prática do *Parkour* em ambiente escolar, bem como sua viabilidade do como proposta pedagógica para as aulas de Educação Física. E para isso os métodos adotados se deram na elaboração de aulas que contemplavam a modalidade em suas particularidades, fossem elas conceituais e procedimentais, aplicadas em uma escola Municipal da cidade de Lavras no estado de Minas Gerais. A coleta de dados se deu por meio de diários de campo devidamente preenchidos pelo pesquisador, somado a questionários aplicados ao início e final da pesquisa. Os resultados deste pequeno recorte do uso da prática em ambiente escolar, exibem que é uma proposta pedagógica eficiente para o desenvolvimento dos estudantes em diversos aspectos e perspectivas educacionais, sejam elas mais voltadas a psicomotricidade, tecnicismo, saúde ou cultural, do mesmo modo que as demais atividades já trabalhadas nas instituições de ensino, mas propondo uma variabilidade, fugindo dos esportes comumente trabalhados, e propiciando uma nova experiência. Sendo possível concluir a partir dos resultados desta pesquisa, que o *Parkour*, além de se tratar de uma cultura corporal de movimento, possui uma facilitação em sua aplicação didática-metodológica, pois não necessita de espaço específico ou manipulação de objetos, o mesmo proporciona a qualquer escola sua prática independente da infraestrutura da mesma, atendendo assim a escolas com menor aporte financeiro e estrutural. Além de desenvolver aspectos como motricidade, tomada de decisão, percepção espaço temporal, tempo de reação e dimensões atitudinais se bem ponderadas e discutidas pelo docente com seus alunos.

Palavras chaves: Educação Física escolar. Parkour. Prática pedagógica.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 –Questionário de início.....	20
Quadro 2 –Questionário final.....	20
Quadro 3 –Tabela de planejamento de aula.....	22
Gráfico 1 –Questionário 6ºA (início).....	23
Gráfico 2 - Questionário 6ºB (início).....	23
Gráfico 3 - Questionário 6ºA (final).....	32
Gráfico 4 - Questionário 6ºB (final).....	32
Figura 1 –Nuvem de palavras 6ºA (início).....	24
Figura 2 - Nuvem de palavras 6ºB (início).....	24
Figura 3 - Nuvem de palavras 6ºA (final).....	33
Figura 4 - Nuvem de palavras 6ºB (final).....	33

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	2
2. OBJETIVOS.....	4
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	5
3.1. Parkour.....	5
3.2. Parkour e a Educação Física Escolar	7
3.3. Práticas Corporais de Aventura	9
3.4. Organização do Trabalho Pedagógico	11
4. METODOLOGIA DA PESQUISA	13
4.1. Tipo de pesquisa	13
4.2. Critérios éticos.....	13
4.3. Critérios de inclusão e exclusão da pesquisa.....	13
4.4. Sujeitos da pesquisa	14
4.5. Coleta de dados	14
4.6. Análise de dados.....	15
5. Resultados e Discussões.....	16
5.1. Infraestrutura.....	16
5.2. Planejamento pedagógico	16
5.3. Primeira abordagem	17
5.4. Procedimentos e coletas de dados	20
5.5. Avaliação e retorno.....	26
6. Considerações finais.....	29
7. REFERÊNCIAS	32
8. ANEXO.....	34

1. INTRODUÇÃO

Pensar na Educação Física, é refletir algo que passou por completa mudança desde meu início na graduação, no qual passo de um sujeito completamente leigo, que percebia o curso de maneira simplesmente esportivista e sequer tinha conhecimento sobre a diferença entre o que é bacharel e licenciatura, e hoje, após um processo de estudo e aprofundamento da área, compreendo melhor a complexidade desta subárea do conhecimento que faz uso das ciências existentes na produção de mais conhecimento, partindo das ciências biológicas e sociais, e assim se validando como área de pesquisa.

Sempre muito ativo no que se refere a prática de atividades físicas, meu primeiro contato com o *Parkour* se deu aos meus 13 anos de idade, no qual assistindo um filme de 2004, cujo o nome era “B-13 O décimo terceiro distrito”, que se trata de um filme francês no qual o enredo se desenvolve acompanhando o protagonista Leito, interpretado pelo ator David Belle, que por sua vez é considerado o pioneiro/pai da prática da modalidade. Ainda que se tenha discussões a respeito da real origem, a nomenclatura utilizada (*Parkour*) se popularizou a partir de Belle. A partir deste filme, comecei novo a tentar aprender sozinho, replicando o que assistia em vídeos da internet, com amigos que também se interessaram na prática, utilizando espaços públicos da cidade de Lavras. Com o tempo a prática ganhou maior visualização pública, e cada vez mais jovens eram vistos treinando em áreas urbanas públicas em várias regiões.

Em certos momentos da vida, foram necessárias algumas pausas longas em minhas rotinas de treino, o que por vezes se estendia por meses sem praticar devido a outras demandas da vida adulta e classe social na qual me encontro, contudo, sempre voltei a treinar e manter não apenas as técnicas, mas também um bom condicionamento físico que a prática oportuniza, afinal, após mais de 15 anos de contato com a modalidade, fica evidente o quanto foi de grande ajuda para manter o corpo forte e saudável.

Desde o primeiro momento que ingressei no ensino superior, tinha em mente que utilizaria do *Parkour* em meu trabalho de conclusão de curso, pois além da afinidade com a prática, conhecendo e sabendo executar várias

técnicas constituintes da modalidade, acreditava em suas potencialidades vivenciadas por mim, e também me focando na questão social, afinal, se tratando de classicismo, sou de família pobre e minhas experiências foram em meio a essa realidade, o que me fazia pensar em como o *Parkour* me auxiliou ao longo da vida, fosse me dando foco e propósito, ou me fortalecendo biologicamente falando, valendo citar também que me manteve disciplinado em ter saúde e me cuidar, sendo assim um tipo de suporte que me manteve afastado de caminhos errôneos, como drogas ou crime que alguns que cresceram comigo acabaram por seguir.

Com o conhecimento propiciado na graduação, hoje compreendo melhor o corpo de maneira biológica e também subjetiva, no que se refere as interações sociais e desafios que o trabalho docente envolve. Pensar a educação em suas complexas esferas e situações únicas em cada contexto e instituição de ensino, levando em consideração, escolas particulares, públicas centrais, públicas periféricas e municipais, bem como suas diferentes infraestruturas e classes sociais atendidas, implica em não existir uma fórmula de ensino pronta, o que remete ao professor a sensibilidade de compreender seu local de trabalho e suas nuances, para que assim, possa elaborar suas aulas dentro de uma base epistemológica e metodológica que seja capaz de cumprir com o papel social da escola na formação de cada indivíduo ali presente.

Pode-se dizer que mesclar minha afinidade e conhecimento acerca do *Parkour*, ao ser docente em suas situações dependentes de diversas variáveis que podem gerar diversas realidades singulares, foi preciso compreender num primeiro momento, como seria realizada e mensuradas as subjetividades da pesquisa, o que me possibilitou uma vivência como docente na aplicação das aulas, que por sua vez me foram dadas em total autonomia, me permitindo promover as atividades e perceber como é complexo, gratificante e enriquecedor essa profissão da qual passei a ter tanto amor e dedicação para me tornar um dia um bom professor. Ao escolher este recorte dentre as amplas culturas corporais de movimentos disponíveis na Educação Física, escolhi me aventurar nesta que, não a mais fácil, mas talvez uma menos comum, que me apresentou desafios e vitórias, mas que acima de tudo, me oportunizou

momentos de suma importância no meu processo formativo como aspirante a docente.

2. OBJETIVOS

Verificar as possibilidades da prática em ambiente escolar e a viabilidade do *Parkour* como proposta pedagógica para as aulas de Educação Física. Neste sentido, observar amplas variáveis como a adesão e participação dos alunos, bem como suas facilidades e dificuldades, as potencialidades e empecilhos que podem gerar desafios ou vantagens para a atuação docente, e como a prática é vista e compreendida pelos estudantes, dado este coletado nos diálogos que foram propostos em rodas de conversa nas aulas, juntamente aos questionários que visaram fazer um levantamento mais direto sobre o ter tido ou não contato com a prática em alguma medida.

A citar que a pesquisa objetivou observar como a prática era percebida pelos alunos, e assim, se denotou em alguns relatos dos alunos, que a prática ainda é associada a rendimento e risco, desse modo, pode-se supor que tal associação faz com que o *Parkour* não seja comumente utilizado nas escolas, ainda que ele esteja contido na BNCC nas chamadas práticas de aventura (urbana e na natureza). Logo, evidencia-se que é preciso maior atenção e pesquisas nas possibilidades que a prática proporciona para os discentes, que são parte do público alvo, juntamente dos profissionais da Educação Física Escolar.

Outro dos objetivos se deu em apresentar algumas das vantagens que a modalidade possui em não precisar de espaços próprios como quadras, ginásios ou campos, bem como dispensa a manipulação de objetos como bolas e outros, utilizando apenas do próprio corpo no espaço. Essa praticidade permite que o *Parkour* possa ser desenvolvido em qualquer escola independentemente de sua infraestrutura.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Parkour

O *Parkour*, segundo Pereira (2010), é um neologismo de origem francesa derivado da palavra *Parcours* que traduzido para português significa “percurso”, foi criado em meados de 1980, na França, por David Belle, este que é considerado como fundador da modalidade em sua essência, influenciado pelo pai bombeiro e ex-combatente no Vietnã, Raymond Belle, e também pelo chamado *Art Du Deplacement*, que significa arte do deslocamento (tradução para português).

Esta prática foi inspirada em técnicas de salvamento e fugas de emergência performadas por bombeiros, e tem como objetivo ultrapassar obstáculos em um determinado percurso de forma rápida e segura, a partir do uso do próprio corpo e suas capacidades. Para realizar a transposição, utiliza-se saltos, agarres e escaladas sem nenhum equipamento que auxilie o movimento. A paisagem urbana (muros, vãos, grades, escadas) é o espaço ideal para a prática (ALVES; CORSINO, 2013; VAGHETTI et al., 2019), o que não impede a mesma de ser aplicada em paisagens naturais.

Ainda que o trabalho citado apresente de maneira sucinta o conceito do que é o Parkour, vale exprimir aqui de forma breve um pouco mais da trajetória que influenciou a prática. Começando por Raymond Belle, que ao servir na guerra do Vietnã, elaborou técnicas para fugir e se manter seguro naquele ambiente hostil, que por sua vez implicava em pura sobrevivência. Ao voltar a França, sendo um militar treinado, entrou para o corpo de bombeiros e utilizou de suas técnicas para realizar movimentações de maneira rápida e segura. Sendo assim, David Belle, seu filho, que por sua vez já tinha proximidade com as ginásticas, observando o pai e inspirado por ele, começa a criar o que posteriormente seria conhecido como Parkour. Em seu grupo de amigos, Belle e Sebastian Foucan eram como porta-vozes quando questionados do que estava fazendo ao serem observados por outras pessoas em seus treinamentos na cidade, sendo os dois mais velhos do grupo. Neste sentido, ainda que ocorra discussões acerca da real origem destas práticas urbanas, o Parkour tem como criador a partir deste nome, David Belle, que não foi

necessariamente influenciado por bombeiros, e sim por um bombeiro específico, se tratando da imagem heroica de seu próprio pai, Raymond Belle (PEREIRA; HONORATO; AURICCHIO, 2019).

Se tratando do senso comum, as vezes a prática é percebida de forma marginalizada e/ou de risco, no qual se supõe que se estabeleceu esta visão devido a forma que a mesma se popularizou com filmes de ação, sendo o mais conhecido: “B13- 13º Distrito” de 2004, protagonizado pelo próprio David Belle, que se tornou referência sobre a modalidade, apresentando ao público em grande escala, não evidenciando sua filosofia, lemas (“ser e durar” e “ser forte para ser útil”) ou benefícios como o próprio Belle os discorre em entrevistas.

Para Pereira (2010), os praticantes são denominados popularmente como “*traceurs*” (homens) e “*traceuses*” (mulheres), e vale dizer que, estes dificilmente se lesionam, pois, conhecem suas limitações, não se colocando em riscos desnecessários. Mas assim como outras modalidades, existem chances de lesões, que podem ser evitadas com preparo físico adequado e o reconhecimento de seus limites. De todo modo, vale apontar que a orientação pedagógica é importante, pois como questiona o mesmo autor (pag. 84): “...Mas o que é básico? quem está apresentando as sequencias pedagógicas? Será que aquele jovem está preparado ou com estrutura corporal adaptada aquele tipo de impacto?”. Duvidas que devem ser consideradas devido a forma midiática que o *Parkour* se popularizou.

A ressaltar também, que o *Parkour* é comumente confundido com *Free Running*, este criado por Sebastian Foucan. Sendo uma ramificação da modalidade, cujo objetivo é alta performance e beleza na execução dos movimentos, visando exibicionismo com habilidades acrobáticas/giros, estes que são desnecessários para o *Parkour* (DERAKHSHAN; MACHEJEFSKI, 2015). Dito isso, o *Free Running* faz uso de diversos elementos (técnicas/movimentos) que compõem a prática do *Parkour*, mas não o representa em filosofia e objetivo, que vão do treinamento para aprimoramento físico, com questões reflexivas voltadas a utilidade e uso eficiente das capacidades do corpo, como acredita David Belle, onde o mesmo percebe as acrobacias como inúteis (BELLE, 2008).

E ainda, vale apontar o chamado Método Natural desenvolvido por George Hebert, no qual o *Parkour* tem forte influência em sua origem, com

relação aos 10 movimentos naturais do ser humano, que segundo ele, são: caminhar, correr, quadrupedar, escalar, saltar, equilibrar, carregar, lançar, nadar e lutar (HEBERT, 1957). Capacidades motoras estas, que vistas de maneira mais voltada a aptidão e melhoria física, são aplicadas no estudo de Carvalho e Viana (2016) que trata da prática da modalidade no âmbito da Educação Física, relatando suas potencialidades neste sentido.

3.2. Parkour e a Educação Física Escolar

A Educação Física Escolar passou por diversas mudanças no Brasil, desde o militarismo nos anos de 60 a 80. E suas transformações de maior significância que ocorreram nas décadas de 80 a 90, com a criação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (CARNEIRO; ASSIS; BRONZATTO, 2016).

Subsequente a isso viera a ser implementada a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), em 2017, e partir desta, no que se refere à Educação Física escolar, estão contidas as chamadas práticas corporais de aventura (urbana e na natureza), e esta classificação de conteúdo abrange a prática do *Parkour*, no qual é definido a ser trabalhado no Ensino Fundamental II, sendo do 6º ao 7º (urbano) e do 8º ao 9º ano (natureza), etapa de ensino cujas práticas corporais de aventura estão estabelecidas (BRASIL, 2018, p. 231).

Diferente dos conteúdos mais estudados nas escolas nas aulas de Educação Física, sendo comum as modalidades esportivas mais tradicionais como futsal, basquete, vôlei e handebol, o *Parkour* proporciona possibilidades de aprendizagens únicas, pois, utiliza-se o corpo em qualquer espaço, não se limitando a quadras ou lugares específicos. Ademais, não necessita da manipulação de objetos como bolas ou qualquer outro item, e seus elementos podem ser adequados e desenvolvidos com qualquer faixa etária ou etapa de ensino, o que torna a aula possível para qualquer realidade e infraestrutura disponível nas instituições de ensino. Dentro desta perspectiva, a modalidade respeita naturalmente as limitações de qualquer indivíduo, onde a evolução da

prática ocorre em grupo, mas ainda individualmente, no qual cada um aprende no seu próprio tempo.

Seguindo a filosofia de seu criador David Belle (1998), que visa a prática como estilo de vida, cujos objetivos são diversos, a citar alguns deles: confiar em si mesmo e ser cuidadoso, olhar o obstáculo como adversário, dominar o movimento como algo natural, superar a si mesmo, não se sentir limitado pelos muros ao redor, sentir os níveis e alcançar a essência do movimento. Todas essas finalidades proporcionam ao aluno a evolução quanto às suas habilidades motoras e superação de seus limites. O que é enfatizado no artigo de Alves e Corsino (2013, p. 253-254) que diz:

O *Parkour* pode ser um tema de fundamental importância para a Educação Física Escolar, pois, além de colocar em prática as habilidades em situações reais, pode simular situações de perigo, desenvolve habilidades tanto na esfera da motricidade quanto na cognitiva, pois dessa forma, ao assumir riscos, mesmo que de modo controlado, o aluno deverá resolver situações problemas que dentre outras coisas, exercitará seu tempo de reação, senso de iniciativa e rapidez de adaptação, características essas que estimulam uma postura crítica e de tomada de decisões. Sendo assim o educador auxiliará o seu educando na aquisição de competências para o enfrentamento de situações da vida real.

Após o que fora supracitado, denota que o docente precisa se planejar para aplicar uma aula que proporcione aprendizagem e desenvolvimentos nos mais diversos aspectos, estando dentro das questões conceituais do *Parkour*, compreendendo seus contextos, lemas e reflexões que tratam a prática de maneira não voltada ao rendimento e sim como um estilo de vida que objetiva aprimorar as capacidades físicas, tornando assim, o corpo forte e útil, influenciando os alunos a terem uma vida ativa, saudável e principalmente que vise à consciência corporal.

Visto que a Educação Física tem como objeto de estudo a cultura corporal de movimento, logo se tem o *Parkour* como modalidade e fenômeno cultural que pode proporcionar aos estudantes uma atividade que se diferencie das atividades comumente ensinadas, oportunizando, dessa forma uma aprendizagem mais ampla em suas possibilidades, dimensões e contextos (CARVALHO; PEREIRA, 2008).

Valendo citar que esta prática contemporânea, apresenta uma abordagem menos pautada na competitividade, sendo assim, a perspectiva de

vencer se aplica na própria superação, sentindo a emoção da conquista em cada movimento novo, se tornando uma prática ainda mais focada na autossuperação e percepção de limites, buscando posteriormente ultrapassá-los, o que é apontado no estudo de Carvalho e Viana (2016).

3.3. Práticas Corporais de Aventura

A ideia de abordar aventura nas escolas implica em propor uma atividade nova na cultura esportiva (PEREIRA, 2010), e para isso é necessário entender como as práticas corporais se manifestam e promovem imersão no fazer. Seguindo neste sentido, o autor citado diz que “...esportes radicais na escola cumprindo sua função de atividade de lazer e, além disso, compreender também as relações e conhecimentos sobre o desenvolvimento de capacidades físicas, habilidades motoras, de apropriação cultural do fenômeno esporte...” (pag. 14 e 15). Assim, pode se dizer que fatores como ludicidade, sentido, desafios, aprimoramentos e conquistas, irão ser aspectos norteadores para oportunizar práticas de aventura na escola de modo imersivo. Ainda que, associado a algo de risco, essa perspectiva também pode ser compreendida de modo que a incerteza potencializa sentimento de existir (PEREIRA, 2010), na qual pode se perceber o envolvimento de superação, conquista e evolução.

O trabalho elaborado por Moura e Henriques (2018), apresenta uma forma de sistematização de ensino do *Parkour*, na qual seu tipo de abordagem, ainda que, exprima as técnicas da modalidade, apresenta também conceito e exemplificação da prática, que são partes fundamentais na configuração que compõe uma aula enriquecedora, se somado a uma metodologia de ensino que visa emancipar e tornar crítico, pode-se atingir um ensino de grande potencial no processo de formação de cidadão como um todo, isso por meio desta modalidade urbana devidamente adequada no ambiente escolar.

Para proporcionar uma aula imersiva, o educador precisa saber como funciona de maneira sistêmica os processos em cada fase da vida, e assim abordar cada etapa de ensino de modo que mantenha o aluno interessado em conseguir/resolver o que lhe é proposto. Nesse sentido, como diz Pereira (2010): “Essa integração pode ser associada à aventura que, de certo modo

está ligada aos desafios de cada tarefa ou ação estimuladora para resolução de problemas, gerando nas aulas de Educação Física um meio facilitador do desenvolvimento” (pag. 24).

Apresentar o *Parkour* implica em aborda-lo em suas particularidades, exibindo conhecimentos acerca do mesmo, como sua história, mudanças que ocorreram ao longo do tempo, como o fenômeno é visto socialmente e exposto pela mídia, entre outras possíveis perspectivas, e posteriormente, ao direcionar para a vivência propriamente dita, muitos aspectos são abordados como equilíbrio, aterrissagens, rolamentos, saltos simples, transposição, agachar e outros, que ao final de um período de trabalho podem ser desenvolvidos de maneira sequencial e ampla em percursos elaborados para tais fins, neste sentido, o artigo “Saltando na Escola” de Moura e Henriques trata de maneira gradativa e sequenciada uma forma pedagógica de se desenvolver tais movimentos nas aulas.

É importante perceber a Educação Física como algo que está em constante transformação, pois, como diz Pereira (2010), “...A ação de movimentos novos e práticas culturais determinadas chegam à contemporaneidade e formam-se inúmeras práticas criadas ou reinventadas...” (pag. 41). Nesse sentido, é importante para o docente que busque acompanhar esses novos fenômenos culturais que podem ser abordados nas aulas, afinal em suas demandas específicas, a cultura se modifica, e oportunizar essas vivências implica na responsabilidade social que o professor detém, tendo em sua área de conhecimento um objeto de estudo menos apostilado, que se altera de tempos em tempos.

As práticas de aventura implicam em saber analisar as dimensões e possibilidades contidas em determinados ambientes, e assim, utilizar e ressignifica lós, pois como diz Pereira (2010, pag. 51): “Assim, um muro pode ser uma parede de escalada, uma escada é um obstáculo para se transpor, um compensado de madeira uma rampa, uma coluna é um acesso para um rapel ou uma tirolesa, uma madeira é uma prancha e uma piscina é um mar para se permanecer nas profundidades”. Neste sentido, aplicar práticas de aventura em ambiente escolar necessita de olhar amplo para as possibilidades contidas nos espaços que a instituição dispõe.

Compreendendo o ambiente escolar afim de relaciona-lo a prática do *Parkour*, que se classifica como uma prática de aventura urbana (PEREIRA, 2010, pag.83), é necessário que a proposta pedagógica desenvolva os fundamentos essenciais para a prática que se dão em conhecer bem as estruturas corporais bem como sua biomecânica, assim, por meio deste saber, aprimorar de maneira gradativa o uso do amortecimento em aterrissagens, deslocamentos, saltos e transposição de obstáculos de maneira eficiente e segura para o corpo, o fortalecendo e adequando para movimentos de maior complexidade e impactos.

3.4. Organização do Trabalho Pedagógico

Quanto as práticas pedagógicas, as atividades de aventura não se diferem dos esportes convencionais no que diz respeito a conceito, procedimento e dimensão atitudinal, dos quais o livro *Pedagogia da Aventura* do autor Dimitri Wu Pereira (pag.42) exhibe de maneira clara cada um destes saberes, tratando do saber sobre (conceito), como fazer (procedimento) e dos valores e formação do indivíduo na sociedade (atitudinal). Ainda neste sentido, o autor apresenta de forma sistematizada um meio de elaborar o trabalho pedagógico, em três etapas, partindo da chamada “experimentação”, no qual o aluno tem o primeiro contato com a prática proposta, e aqui, ele utiliza de seu próprio saber corporal para realizar a atividade, seguindo para o que Dimitri se refere como “situação problema”. Neste ponto cabe ao docente elaborar uma progressão que provoque nos alunos a elaboração de estratégias para a execução da atividade, se atentando as dificuldades individuais dos alunos mantendo desafiador para os que demonstram maior facilidade, sem permitir cair no marasmo para estes, e também manter a imersão para os menos habilidosos que podem perder o interesse quando há uma impossibilidade de realizar a atividade, ideia está alinhada ao proposto por Vygotsky (1998) sobre o fundamental papel do professor para mediar as zonas de desenvolvimento. Chegando finalmente ao “momento de organização”, que busca maior refinamento do que foi tratado ao longo do processo de ensino, neste momento há uma tomada de consciência e a busca por maior autonomia.

Vale citar as proposições pedagógicas que são enriquecedoras da autora Suraya Darido (2012) em sua obra “Caderno de Formação de Professores”, que aborda o uso da roda de conversa como um meio eficiente de se comunicar com os alunos fora da configuração padrão que as aulas se dão em ambiente de sala de aula, deste modo tem-se uma visão mais geral dos estudantes, e assim, pode-se utilizar deste artifício ao início da aula para conceituar e apresentar o tema proposto, e também realizar ao final da aula para se ter um feedback dos estudantes quanto as suas experiências individuais e percepções a respeito da prática que foi desenvolvida. Também vale apontar que tais obras supramencionadas neste tópico tratam da questão avaliativa, que permite ao professor mensurar e estabelecer critérios que oriente suas formas de aferir notas, partindo do fazer para amplas dimensões que ocorrem durante o momento de aula. E sendo este momento de retorno e voz dos estudantes que não apenas se instiga a autonomia para expor o que pensa e sentiu a respeito da aula, mas também se apresenta aqui, um momento do próprio docente se avaliar quanto a sua eficiência no trabalho pedagógico e se sua práxis adota está contemplando os saberes de maneira imersiva, inclusiva e libertadora.

A citar que, ainda que o papel da escola na formação de indivíduos para a sociedade se dê maneira complexa quanto as questões mais sociais e éticas, pode se pensar em questões mais desenvolvimentistas e biológicas que a prática do *Parkour* tende a contemplar, como diz Carvalho e Viana (2016) que ao vivenciar movimentos, os alunos serão orientados pela prática, a atingir determinado controle sobre as variáveis contidas nestes, e assim suas percepções técnicas ao observar seus colegas, irão lhe propiciar uma visão da mecânica de execução, o que lhe permite perceber seus próprios erros para corrigi-los, assim como reverbera nas melhorias das aptidões físicas que se desenvolvem por meio destes estímulos. Neste sentido, se cumpre através das práticas didático-metodológicas que o professor adota as dimensões ético-sociais, e de forma simultânea aspectos físicos, cognitivos são trabalhados juntamente as questões biomecânicas nas variabilidades dos movimentos.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1. Tipo de pesquisa

Esta pesquisa é do tipo aplicada, pois, segundo Nascimento (2016), sua característica implica “à busca da verdade para determinada aplicação prática em situação particular” (pag. 2).

Possuí objetivo de caráter exploratório, que conforme Nascimento (2016) diz que são “levantamentos e entrevistas com pessoas envolvidas com o problema objeto da pesquisa” (pag. 4).

Sua abordagem será de natureza qualitativa na interpretação dos dados coletados ao fim da pesquisa definida pelo mesmo autor com algo que “É baseado na interpretação dos fenômenos observados e no significado que carregam, ou no significado atribuído pelo pesquisador, dada a realidade em que os fenômenos estão inseridos. Considera a realidade e a particularidade de cada sujeito objeto da pesquisa” (pag. 3).

Os procedimentos serão de pesquisa-ação, cujo objetivo está contemplado na perspectiva de Nascimento (2016) que diz que “é caracterizada pela estreita cooperação entre os indivíduos pesquisados e o pesquisador” (pag.8).

4.2. Critérios éticos

A direção da escola e o professor responsável autorizaram formalmente a realização da pesquisa assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, neste documento também consta a assinatura do pesquisador e orientador. Documento segue em anexo.

4.3. Critérios de inclusão e exclusão da pesquisa

Seriam excluídas crianças que não estivessem aptas a participar da pesquisa, devido a patologias ou limitantes físicos e/ou cognitivos, também no caso de alguma criança não ter interesse e desistir durante o processo.

4.4. Sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa um professor de Educação Física do Ensino Fundamental II e 62 alunos de ambos os sexos, de 11 a 12 anos de idade, sendo 31 de cada turma (6ºA e 6ºB), no horário matutino (07:00 – 11:25) na Escola Municipal Itália Cautiero Franco em Lavras - MG.

4.5. Coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram diários de campo preenchidos pelo pesquisador em cada aula, e questionários aplicados no início e no fim da pesquisa para os alunos. Quanto aos questionários, irão no sentido das experiências individuais dos alunos durante a pesquisa.

Nos diários de campo, por sua vez, o pesquisador que além de aplicar as aulas juntamente ao professor, registra dados que se referem ao desenvolvimento da motricidade, participação, e aspectos de interação social especificamente dos alunos, enquanto o professor será observado quanto as suas dificuldades e facilidades para desenvolver a prática.

Os questionários aplicados aos alunos apresentaram questões como:

No início da pesquisa:

Questionário de início		
	Sim	Não
Conhece/já ouviu falar do Parkour?		
Conhece alguém que pratica?		
Já teve ou tem vontade de aprender o Parkour?		
Descreva o que você pensa sobre o Parkour:		

Ao final da pesquisa:

Questionário final		
	Sim	Não
Gostaria de ter mais aulas práticas de Parkour na escola?		
Você acha que o Parkour deve ser ensinado nas escolas?		
Descreva o que você achou das aulas de Parkour:		

4.6. Análise de dados

A análise dos dados se deu por meio dos diários de campo registrados durante todo o período da pesquisa, juntamente dos questionários estruturados devidamente preenchidos pelos alunos da instituição ao início e fim da pesquisa.

5. Resultados e Discussões

5.1. Infraestrutura

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal Itália Cautiero Franco na cidade de Lavras, e esta possui diversos espaços para as aulas de Educação Física, sendo especificamente uma quadra poliesportiva coberta, outra sem cobertura de tamanho reduzido, três quadras de vôlei sem cobertura, uma pequena “arena” também em área aberta e um playground para os anos iniciais. Há também um cômodo chamado de sala de materiais, e neste se encontram uma variedade de itens úteis para as aulas, sendo seis pneus, cerca de 30 bambolês, 30 cones menores e dois maiores, quatro bastões, bolas menores, bolinhas de gude, seis colchonetes, bolas esportivas diversas (futebol, vôlei, handebol) entre outros, também vale ressaltar que a quadra coberta possuía em volta bancos moveis que foram muito úteis para a aplicação da pesquisa devido as formas variadas que podiam ser distribuídos e empilhados.

No decorrer das aulas foram utilizados os seguintes espaços: Sala de aula (para apresentação do pesquisador e aplicação do questionário inicial e final), quadra coberta, quadra sem cobertura, arena e arquibancada da quadra externa, a finalizar com a exploração de todo espaço em um jogo de “siga o mestre”, no qual foram separadas duas filas e seguiram o pesquisador pelos espaços. No que se refere aos materiais, foram utilizados ao longo do trabalho pedagógico: seis colchonetes, dois pneus, quatro bambolês, quatro cones pequenos e quatro bancos móveis da quadra coberta.

5.2. Planejamento pedagógico

Pensando de maneira sistematizada e progressiva, o planejamento foi elaborado no decorrer de cinco aulas disponibilizadas pelo professor de Educação Física que concedeu total autonomia sobre aula, me permitindo assumir o papel docente em orientação as turmas, sempre sob sua supervisão. Sendo assim, ao longo de três semanas a pesquisa se desenvolveu, totalizando dez aulas, sendo respectivamente cinco para cada turma. Os elementos do *Parkour* tematizados nas aulas, abrangiam os fundamentos

básicos para o início da prática, focando no saltar, amortecer e controlar o movimento, não sendo exigido qualidade técnica de movimento, o que pelo contrário, foi permitido o fazer segundo o próprio acervo de movimento, dentro do que o aluno fosse capaz de executar livremente, não deixando de corrigir e demonstrar como realizar a técnica, mas sem deixar de promover reforço positivo no ato de tentar, independente do movimento executado.

A tabela a seguir apresenta de forma específica e direta as aulas, turmas, datas, horários e as atividades que foram desenvolvidas ao longo da pesquisa:

Aula	Turma	Data	Horário	Atividades
1ª	6ºB	22/jun	10:35 - 11:25	Introdução do movimento: Salto de Precisão
1ª	6ºA	23/jun	10:35 - 11:25	
2ª	6ºB	28/jun	09:45 - 10:35	Novo movimento: Rolamento; Salto de precisão + rolamento
2ª	6ºA	29/jun	08:40 - 09:30	
3ª	6ºB	29/jun	10:35 - 11:25	Novo movimento: Vaults (transposição); Salto de precisão + vaults + rolamento
3ª	6ºA	30/jun	10:35 - 11:25	
4ª	6ºB	05/jul	09:45 - 10:35	Novo movimento: Tictac (escalada); Salto de precisão + tictac + rolamento
4ª	6ºA	06/jul	08:40 - 09:30	
5ª	6ºB	06/jul	10:35 - 11:25	Novo movimento: Cat leap (agarre); Exploração do ambiente escolar.
5ª	6ºA	07/jul	10:35 - 11:25	

Tabela de planejamento de aula.

5.3. Primeira abordagem

Ao início da pesquisa, os alunos foram abordados pelo pesquisador em sala de aula, ambiente escolhido para apresentação conceitual da prática que seria desenvolvida, bem como a aplicação dos questionários, aproveitando as mesas para melhor conforto e organização das crianças, e assim, as questões auxiliaram o pesquisador ao mensurar de maneira breve qual o conhecimento dos estudantes a respeito do *Parkour*. A partir das respostas fechadas se teve os seguintes resultados:

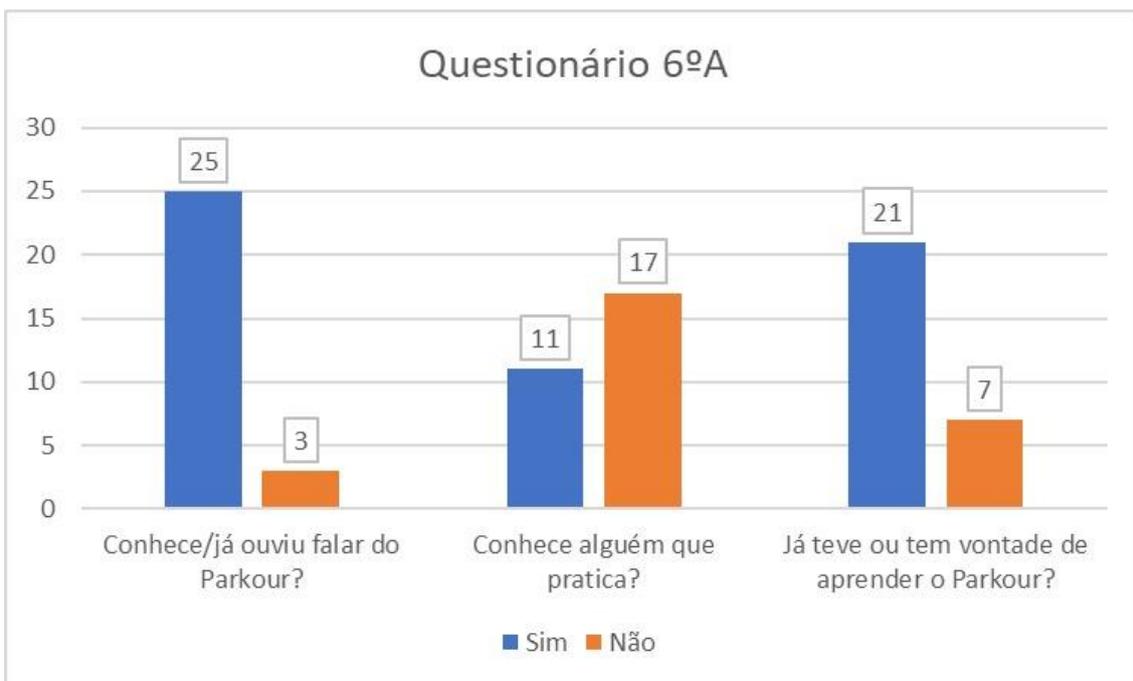


Gráfico de respostas do início da pesquisa – 6ºA

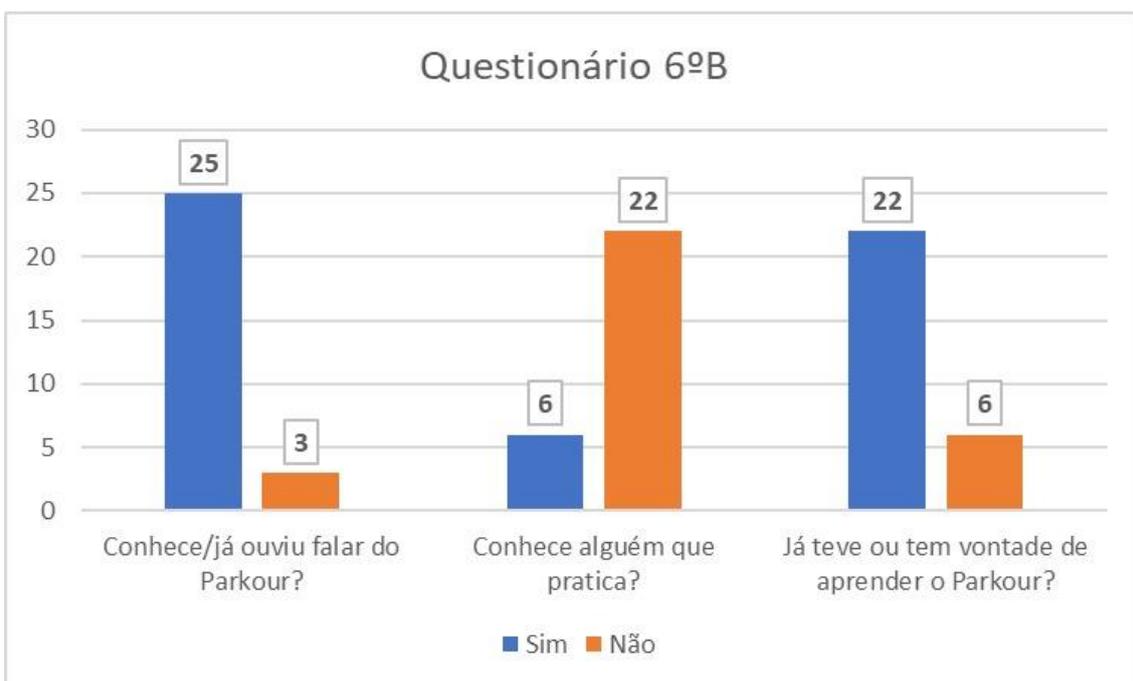


Gráfico de respostas do início da pesquisa - 6ºB

E a partir da pergunta aberta, foi possível realizar as seguintes nuvens de palavras com as respostas das crianças, indo no sentido do que elas conhecem ou pensam sobre o que é o *Parkour*:



Nuvem de palavras - 6ªA



Nuvem de palavras - 6ªB

Vale dizer que apenas a primeira e a última intervenção se iniciaram na sala de aula, para aplicação dos questionários, pois, nas demais aulas os alunos foram levados direto para os locais em que as atividades tanto conceituais quanto práticas seriam trabalhadas.

5.4. Procedimentos e coletas de dados

Aula 1: Após a aplicação dos questionários em sala de aula, os alunos foram levados para a quadra coberta, e nesta primeira aula, a turma do 6ºB estava composta por 28 estudantes, e no dia seguinte a turma do 6ºA continha a mesma quantidade de alunos, ambas as turmas se mostraram empolgadas com a prática que seria desenvolvida. Assim, iniciou-se a formação de uma roda de conversa no centro da quadra, onde todos sentados ouviram do pesquisador, uma breve explicação conceitual sobre a origem do *Parkour*, relatando seu criador, suas influências, significado e tradução da palavra, e também, qual seria o primeiro elemento a ser abordado. Neste ponto eram questionados sobre o que sabiam a respeito e como percebiam a prática, dando voz a eles que respondiam de maneira animada.

Em sequência, para fazer um tipo de aquecimento, visto que a época do ano remete ao frio, os alunos realizaram o “pique cola”, no qual foram adequando as regras ao serem questionados pelo pesquisador durante a prática, lhes permitindo definir como a atividade seria, segundo o que eles acreditavam que a tornaria mais divertida. Em seguida, deu-se início ao salto de precisão, e com a demonstração realizada pelo pesquisador, os estudantes se distribuíram em duas filas iguais, se posicionando atrás de cones, a frente deles foram colocados alguns bambolês no chão para que eles realizem um salto para dentro, assim, foi se aumentando a distância a cada tentativa. Para aumentar a dificuldade foi adicionado um pneu, para saltar de dentro do bambolê até ele, e depois saltar para um segundo bambolê a frente do pneu. As crianças se mantiveram em sequência onde a cada uma que realizava os saltos voltava para o final da fila, assim cada grau de dificuldade era aumentado quando o primeiro da fila voltava a ser o primeiro. Como atividade final, foram posicionados dois bancos com altura de cerca de 30cm, para que eles executassem um salto de um ao outro, e, ainda que não se tratando de uma altura perigosa, foram colocados colchonetes no chão para o caso de queda, o que não viera a acontecer.

Com a primeira turma (6ºB), não houveram dificuldades ou conflitos, o que pelo contrário, foram feitos pedidos para aumentar a dificuldade por parte de algumas meninas. Já a segunda turma (6ºA), duas crianças demonstraram

medo no salto de um banco ao outro, ainda que estivessem próximos, contudo, a turma toda se organizou em uma torcida para encoraja-las, e ambas conseguiram executar o salto, e aqui denotou-se um aspecto atitudinal por parte da turma ao promover um reforço positivo de forma coletiva. Quanto a conflito, também com a segunda turma, dois estudantes se desrespeitaram, e tal atrito foi assumido pelo professor responsável que acompanhava a aula de perto o tempo todo.

Nos minutos finais da aula, os alunos foram colocados em roda para relatarem suas experiências sobre a prática, e de modo geral definiram como: “legal”, “divertido”, “maneiro”, entre outras, sendo um retorno positivo da aula aplicada. Vale ressaltar que, no que tange as informações gerais, obteve-se neste primeiro momento, adesão completa da turma, onde todos participaram e se mostraram receptivos com a prática. Outro detalhe se dá pela maior quantidade de meninas na turma do 6ºA, que mostravam maior empenho e melhor comportamento em comparação aos meninos. E por último, que a turma do 6ºB, tinha um aluno com deficiência que participou sem dificuldades das atividades, de todo modo, as aulas posteriores foram pensadas para que ele se mantivesse incluído em todo processo.

Aula 2: Indo diretamente para a quadra, contando com 30 alunos do 6ºB, e no dia subsequente com 29 do 6ºA, após a formação de roda de conversa, foi explicado brevemente a respeito da importância do amortecimento do impacto ao saltar e aterrissar para não prejudicar as estruturas biológicas que compõem a anatomia humana (ligamentos e articulações), para que a partir disso fosse introduzido o elemento rolamento do *Parkour*, buscando realizar perguntas para que as crianças interagissem mais ativamente nas explicações, ainda que fossem breves. Juntamente a esse momento foi apontado também a questão do respeito ao próximo, devido ao atrito na aula anterior, no qual foi enfatizado questões de gênero e corpos diferentes, e que qualquer um que fosse desrespeitoso com o colega, não seria permitido participar das atividades, decisão esta tomada de forma coletiva ao promover a discussão a respeito do ocorrido.

Partindo para a atividade de aquecimento, as crianças realizaram uma corrida, se dividindo em duas equipes mistas, as quais tinham por objetivo

correr até o final da quadra, passar por baixo da perna do colega e voltar correndo para o final da fila, autorizando o próximo da fila a correr ao bater em sua mão. Após duas disputas rápidas, se deu início a prática do rolamento, sendo executada algumas vezes pelo pesquisador para exemplificar, e em seguida com a formação de duas filas atrás de dois cones, as crianças começaram a realizar as tentativas nos colchonetes colocados no chão, no primeiro momento, apenas agachadas, depois partindo da posição em pé, seguido por um curto salto do solo para o bambolê que demarcava de onde partiria o rolamento, estando bem próximo aos colchonetes, chegando ao desafio final de saltar de uma pequena base de cerca de 40cm de altura, para dentro do bambolê e realizar o rolamento nas colchonetes. Mesclando desse modo, o salto de precisão da aula anterior, juntamente ao rolamento.

Quanto as dificuldades observadas, a primeira turma (6ºB) apresentou três crianças que acompanharam a aula, mas não realizaram as atividades, quando questionadas disseram não ter interesse em fazer. Da outra turma (6ºA) em contraponto, teve-se adesão completa, e de dificuldade, apenas duas meninas relatavam ter medo de machucar o pescoço na execução do rolamento, contudo, não deixaram de realizar a atividade que proporcionou um retorno positivo na roda de conversa ao final da aula, onde poucos de ambas as turmas relataram ser “um pouco difícil”, e as palavras mais ditas se deram em: “legal”, “adorei”, “gostei”, “estou animado para a próxima aula” e “achei que não conseguiria, mas consegui fazer”.

Aula 3: Seguindo os mesmos procedimentos quanto a formação de roda de conversa ao início, para a primeira turma a aula se deu na quadra coberta, e no dia seguinte este espaço estava ocupado, adequando a segunda turma para a quadra sem cobertura, nas turmas estavam presentes 28 alunos do 6ºB, e 27 no dia subsequente do 6ºA. Então, foi realizada uma curta revisão das práticas anteriores e suas aplicabilidades, e logo, o elemento *vault* foi introduzido de modo conceitual, este que se trata da transposição de obstáculos com o uso somente do próprio corpo de diversas maneiras nos mais variados ambientes. As crianças se empolgaram ao relatar que já realizaram movimentos/pulos em suas casas ou em lugares que eram capazes de transpor, e outras por sua vez, diziam que não seriam capazes de executar, não acreditando em suas

capacidades e se deixando levar pelo medo de não saber como as atividades seriam abordadas, e assim, foram incentivadas pelo pesquisador a não se preocuparem, pois, as aulas eram pensadas visando a segurança dos estudantes, deste modo, não seriam colocados em riscos desnecessários.

Na atividade de aquecimento os alunos realizaram o “pique ajuda”, que consistia em dois estudantes pegando os demais, e a cada colega pego, dava-se as mãos e juntos tinham que pegar o maior número de alunos que pudessem, sendo orientados anteriormente a respeitar o corpo do outro, sem arrancos ou arrastos nos braços dos colegas, objetivando aqui perceber como eles trabalham em equipe. Em seguida se deu início a parte principal, onde foram empilhados dois bancos atingindo em torno de 75cm de altura e 2m de comprimento, e assim, foram feitas demonstrações de várias formas de transposição, executadas pelo pesquisador para exemplificar, partindo de técnicas tidas como constituintes da prática do *Parkour* como por exemplo: *kingkong*, *dash* e *speed*. Após a observação, os alunos então foram organizados em duas filas atrás de cones a cerca de 2m da estrutura preparada, e de dois a dois, sendo um de cada fila, realizaram o subir e descer da estrutura por meio das próprias técnicas, agindo de forma livre para transpor o obstáculo. As dificuldades eram colocadas ao mesclar, a cada tentativa, um elemento do que fora desenvolvido anteriormente, neste sentido, eram postos bambolês no chão antes e depois da estrutura para que realizassem saltos de precisão e amortecimento, e também colchonetes para que após descer da estrutura, fosse em salto livre ou com apoio, praticassem o rolamento no ato da queda, algo tentado pela maioria da turma da primeira forma, que diziam durante os desafios finais, que o movimento era “radical”.

Nessa terceira aula, teve-se uma participação enérgica na roda de conversa final, onde foi relatado por várias alunas de ambas as turmas que superaram seus medos, e que segundo elas, estavam sendo capazes de realizar movimentos que elas não acreditavam serem capazes de executar. De modo geral, houve adesão completa da turma, que apontaram a aula como: “gostei muito”, “empolgante”, “muito legal” e “me diverti”.

Aula 4: Iniciando a aula na quadra coberta, já na roda de conversa se deu uma rápida revisão dos conteúdos anteriores, somado a descrição do novo

elemento do *Parkour* a ser desenvolvido, sendo este o chamado *tictac*, se tratando de um tipo de escalada para obstáculos mais altos que exigem maior impulsão e força para se transpor. Essa aula esteve composta por 29 alunos da turma do 6ºB e no dia posterior por 28 da turma do 6ºA.

Para aquecimento, foi realizado um “pique pega” inicialmente normal, e que foi sendo alterado com as recomendações/opiniões das crianças, que adicionaram número de pegadores e limites da quadra a serem percorridos. De modo subsequente, os alunos foram organizados em duas filas e levados ao espaço “arena” que a escola contém, se tratando de uma arquibancada de três degraus grandes (em torno de 50cm cada) em forma de meia lua com uma base ao centro de cerca de 30cm de altura. Aqui, aproveitando a distribuição das filas, cada uma foi posicionada de um lado da arena atrás de cones, para que um de cada vez, executasse uma subida/escalada direto para o último degrau (1,5m), ou caso não conseguisse, subiria a partir do segundo degrau (1m). O pesquisador apresentou as variadas formas de se subir e deixou a livre escolha sobre a técnica que seria utilizada pela criança para subir a base, aumentando assim, o número de movimentos de forma gradativa, colocando saltos de precisão, colchonetes abaixo para rolamento, de modo que a cada tentativa, tivesse que perceber um novo controle corporal para atingir os objetivos e cumprir os desafios.

A primeira turma não apresentou dificuldades, diferentemente da segunda que haviam duas meninas novas que faltaram nas aulas anteriores, as quais se mostraram perdidas, mas que ainda sim, tentaram fazer o que lhes foi proposto. No que se refere a conflitos, apenas um aluno da primeira turma agiu de maneira indisciplinada ao cuspir água pelo chão, momento este em que o professor interveio o retirando da aula. Quanto ao retorno apresentado na roda de conversa final, ainda indicavam a prática com adjetivos positivos e pediram por uma exploração livre na aula, que foi ponderado e adequado para a quinta e última aula. Como observação geral, se tratando de uma aula que se deu em um espaço sem cobertura, alguns meninos não participaram de todas atividades por não querer ficar no sol, o que em contraponto por parte das meninas, não foi um impedimento para realizarem, com exceção de uma menina da segunda turma que relatou: “acho legal, mas menina não consegue”, ainda que a fala apresentava incoerência com a participação ativa e

dedicada das meninas, foi respeitado seu direito de não querer participar, contudo, ela se manteve próxima as atividades o tempo todo.

Aula 5: Como já dito anteriormente, se iniciou em sala de aula para aplicação dos questionários finais, as turmas possuíam a presença de 29 alunos do 6ºB e apenas 18 do 6ºA no último dia de pesquisa. Em sequência foram levados para a última abordagem pedagógica com a prática do *Parkour*. Na roda de conversa que se deu na quadra coberta, como sempre, foi feito um breve resumo dos temas abordados ao longo as aulas, falando sobre o elemento *catleap*, e suas dificuldades, visto que ele foi superficialmente trabalhado na aula anterior, e como este movimento requer maior força e técnica para executá-lo, se tratando de um agarre que se faz, mantendo o corpo seguro a parede. Vale dizer que por segurança, os colchonetes ficaram abaixo da parede que realizavam a tentativa de agarre, pois muito escorregavam as mãos e caíam, mas não se machucavam em nenhuma das vezes.

Para a última atividade de aquecimento, a prática escolhida pelo pesquisador, foi a “siga o mestre”, no qual as crianças se organizaram em duas filas atrás do pesquisador, e o seguiram explorando alguns espaços da escola, como tour com movimentos do *Parkour* que aprenderam no decorrer da aulas, passando pelas quadras, arena, bases que circundavam a quadra coberta por fora e arquibancada. Ao retornar para a quadra coberta, a prática final do *Parkour* se deu em dois momentos: primeiro, foi realizado um “pique cola *Parkour*”, colocando alguns bancos pela quadra para servirem de estruturas transponíveis durante a atividade, esta que teve como pegador inicial o próprio pesquisador, que participou junto das crianças, e foram sendo adicionados ajudantes para pegar os demais, reduzindo os limites da quadra pra correr cada vez mais para dificultar a fuga. Posteriormente num segundo momento, foram deixados livres para explorar as estruturas como bem entendessem, ainda que por segurança o pesquisador se manteve próximo o tempo todo, pronto para ensinar ou corrigir quando fosse necessário. Vale dizer que esta exploração livre foi oportunizada pelo pedido dos alunos em rodas de conversas das aulas passadas, o que se mostrou eficiente com ambas as turmas que participaram com adesão total de todas atividades aqui propostas.

Partindo para a última roda de conversa realizada com os alunos, ambas as turmas proporcionaram várias ideias para tornar aquela aula ainda melhor, segundo a perspectiva deles, bem como relataram diversos movimentos que promoveram a eles a sensação de superação, principalmente por parte das meninas partiram muitos elogios sobre as aulas e tudo que foram capazes de executar com as práticas pedagógicas aplicadas.

5.5. Avaliação e retorno

Chegando ao final da pesquisa, teve-se as anotações feitas nas rodas de conversas realizadas ao início e final de cada aula, o que proporcionavam dados para os diários de campo, exprimindo dos estudantes suas percepções, mensurando o aproveitamento, diversão e aprendizagem que tiveram, o que brevemente evidenciava a qualidade da aula quanto a imersão e eficiência pedagógica. Valendo ressaltar que este retorno dos alunos oportunizou ao pesquisador uma forma de se auto avaliar quanto as práticas adotadas. Somado a isso, na sala de aula no ultimo encontro, foram distribuidos aos alunos questionarios que buscavam aferir, de modo mais direto, as experiencias individuais de cada um ao longo das aulas, visando aqui ter um tipo de resposta de fechamento a tudo que vivenciaram. Havendo neste ponto final especificamente, uma quantidade considerável de faltas no ultimo dia por parte de uma das turmas (6ºA), o que se pressupõe ter ocorrido devido a proximidade das férias escolares do mês de julho. De todo modo, os questionários apresentaram as seguintes respostas:

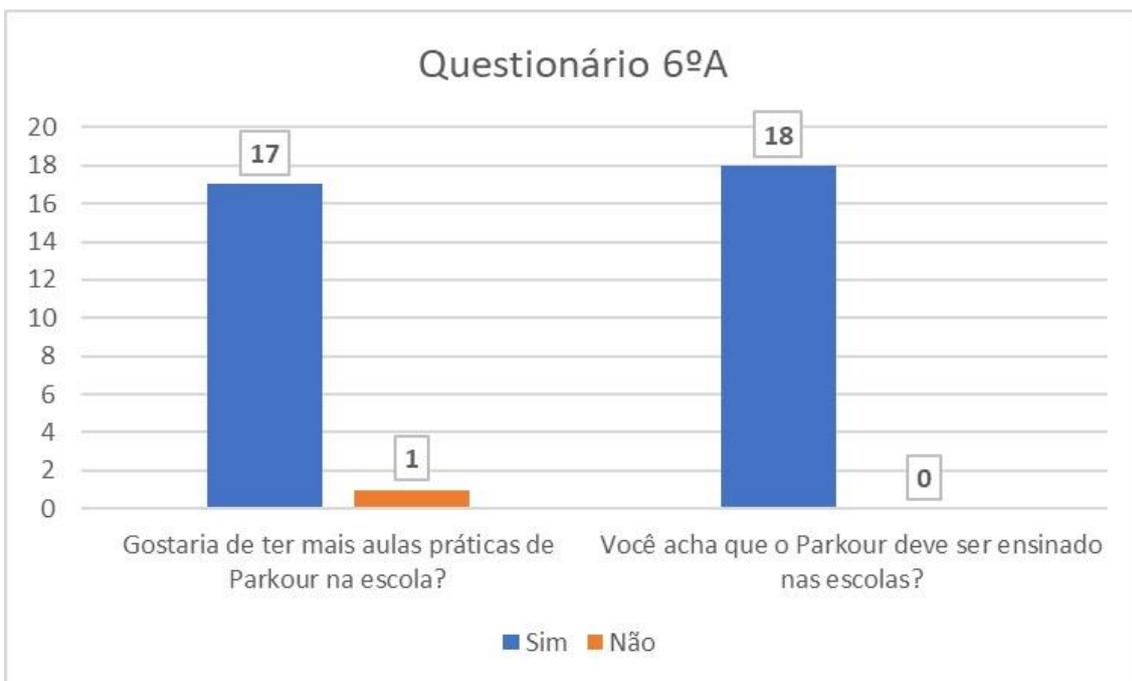


Gráfico de respostas ao final da pesquisa – 6ºA

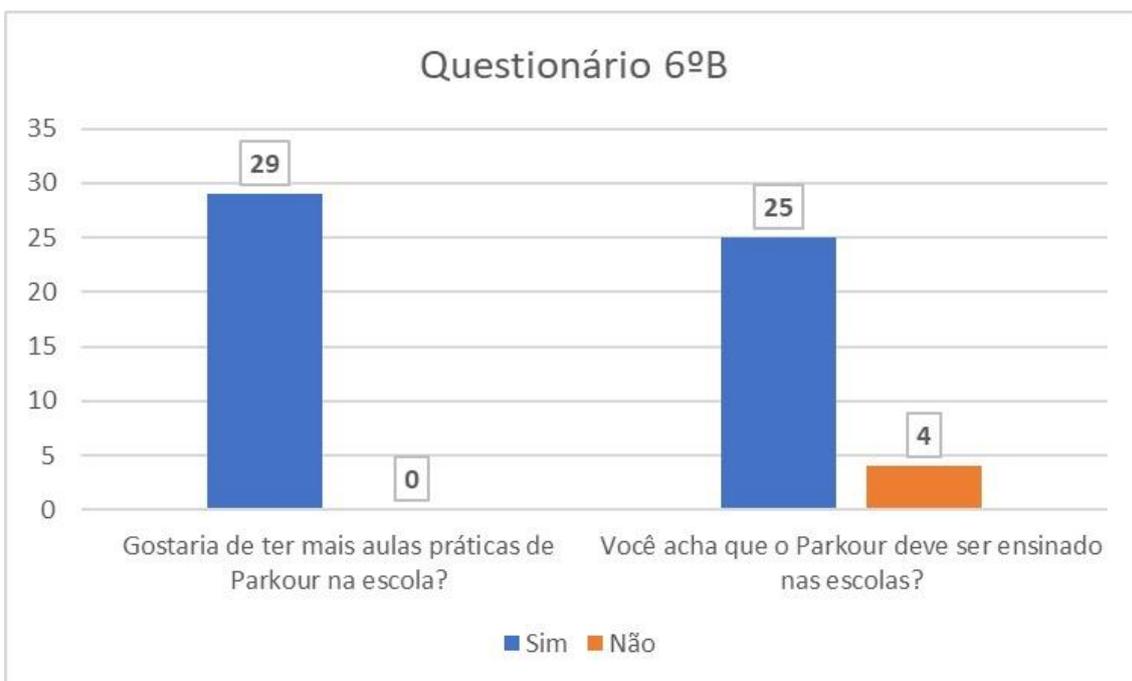


Gráfico de respostas ao final da pesquisa – 6ºB

Por meio da questão aberta do questionário aplicado, obteve-se diversas respostas que relatavam como cada aluno se sentiu contemplado pelas aulas, e destas respostas também foram elaboradas as seguintes nuvens de palavras, de modo que, ficasse possível mensurar de forma mais ampla e direta, expressões que definiram o sentimento das crianças com as aulas de *Parkour*.



Nuvem de palavras – 6ºA



Nuvem de palavras – 6ºB

6. Considerações finais

A pesquisa se mostrou imprescindível no processo formativo do pesquisador aspirante a docente, pois enriqueceu a experiência ao colocar em prática grande parte do que foi desenvolvido durante a graduação, desde questões didáticas até a compreensão das imprevisibilidades da atuação em ambiente escolar, e neste sentido, ter tido autonomia para assumir as aulas e realizar o planejamento, oportunizou uma vivência única e somativa.

Os resultados adquiridos foram diversos, e pode-se dizer que nesta instituição de ensino o uso do *Parkour* como proposta pedagógica se deu de forma eficiente, apresentando diversos aspectos que engrandeceram o acervo cultural das crianças, propiciando conceitos, história, significados, indo além da aprendizagem motora, a somar com questões que dialogavam com outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a anatomia, ao ser exposto, ainda que de forma breve, os cuidados com as articulações e estruturas do corpo. Outro exemplo que vale citar se dá pelas discussões éticas que contemplavam dimensões atitudinais, no que se refere ao respeito quanto ao corpo do outro, ou gênero, ou mesmo as capacidades individuais de execução e aprendizagem.

As aulas foram facilitadas por diversos fatores, como por exemplo, que não houve resistência por parte dos estudantes, o que pelo contrário, notou-se uma recepção positiva para as práticas ao início das aulas, isso junto a escola dispor de excelentes materiais para utilizar e espaços para se explorar. Ainda que, houveram alguns poucos alunos que apontavam medo e incapacidade, a prática propiciou a estes, resultados de suma importância para a pesquisa, afinal, a partir dos que apresentam maior resistência ou medo, que se é possível mensurar ainda mais as possibilidades pedagógicas da prática, pois, são estes que se tornam mais conscientes do próprio corpo, bem como a evolução de suas capacidades e habilidades físicas, considerando aqui aspectos relacionados a motricidade, assim como foi relatado em algumas aulas quanto as conquistas ao realizar determinado movimento, que não acreditavam a princípio ser possível executar, sendo então o “risco” dos desafios impostos que lhes proporcionou a chance de superação.

Considerando a etapa de ensino que fora abordada, a ludicidade foi adotada para que as aulas permitissem aprender brincando e criando associações do fazer com conhecimentos pré-existentes, por exemplo ao explicar certos movimentos os comparando a animais como sapo, canguru ou macaco. Deste modo, oportunizar uma nova cultura corporal de movimento de forma divertida e reflexiva, fazendo uso de questionamentos constantes para uma participação que fizesse uso do corpo e da mente. Neste sentido, os alunos eram organizados em roda no começo da aula para que fizessem perguntas e relatassem o que esperavam que seria abordado na aula, em sequência eram livres para definir novas regras nas atividades de aquecimento, na tarefa principal tinham liberdade para realizar os desafios segundo a própria técnica, assim seus movimentos não eram controlados, apenas orientados sobre os cuidados necessários no que se refere a aterrissagem e amortecimento, e por fim, relatavam suas experiências quanto ao que acharam da aula na roda de conversa feita ao final. A práxis adotada tinha por objetivo influenciar a autonomia dos estudantes ao apresentar o conteúdo de forma inclusiva, reflexiva e livre para expressão, o que no decorrer da pesquisa propiciou ao pesquisador o privilégio de estabelecer uma boa relação professor-aluno, que é fundamental para eficiência da aula, e assim, não se foi imposto de modo autoritário nenhuma prática, os estudantes participavam apenas se tivessem vontade, o que ocasionou em excelente adesão em todas as aulas.

É evidente que qualquer prática pedagógica precisa ser devidamente sistematizada, de modo que crie um processo gradativo, contemplando a experiência em forma de níveis a serem alcançados, o que pode se dar através de desafios que aumentem de complexidade, assim se inclui turmas que contem alunos com maiores ou menores consciência corporal e acervo motor. No caso desta pesquisa, com base nos referenciais teóricos supramencionados, o primeiro contato com a prática foi determinante para as aulas subsequentes, pois ele traria maior ou menor satisfação de realização, o que foi influenciado pelo constante reforço positivo a cada tentativa das crianças, ainda que não fosse possível se atentar de maneira tão individualizada devido ao tamanho da turma, o pesquisador se manteve ativo

no processo de ensino-aprendizagem, não apenas demonstrando, mas participando da aula juntamente aos alunos em certos momentos.

Por fim, foi possível observar diversos aspectos, quanto ao senso comum, no que se refere a percepção das crianças com o que é o *Parkour*, seus conhecimentos prévios e suas expectativas. Sobre desenvolvimento motor, na forma gradativa que os alunos aprendiam a fazer uso de mais movimentos novos e mesclá-los em uma sequência, bem como as evoluções individuais mencionadas que demonstraram superação de medo e a sensação de conquista ao realizar. Sobre a inclusão, que oportunizou de maneira igual a prática, independente de gênero e corpo, incluindo efetivamente um aluno PCD que esteve presente em algumas aulas. Sobre a representatividade feminina, pois, houve maior comportamento e desempenho por parte das meninas que realizavam os desafios de maneira muito empenhada. Vale dizer que os objetivos desta pesquisa foram concluídos, e o *Parkour* se mostrou uma proposta pedagógica eficiente, ainda que seja para esta prática ou qualquer outra, a práxis adotada pelo docente irá determinar tal eficiência. Mas se tratando das metodologias aqui empregadas, obteve-se uma qualidade de aprendizagem que abrangeu diversos aspectos. Outra questão a se apontar, se dá nas formas que se desenvolveram as aulas, onde foi feita uma leitura de ambiente por parte do pesquisador para executar suas práticas pedagógicas com o *Parkour*, e também os materiais utilizados, lembrando que como fora supracitado, não é necessário um espaço específico ou manipulação de objetos, cabendo ao pesquisador ter criatividade para elaborar as aulas com os recursos que haviam na escola.

7. REFERÊNCIAS

- ALVES, Carla; CORSINO, Luciano. O parkour como possibilidade para a educação física escolar. **Motrivivência**, n. 41, p. 247-257, 26 nov. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).
- BELLE, D. FOUCAN, S. **Entrevista de David Belle para Sebastian Foucan Parte 1**, Fécamp 1998. (7 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QjE5i-TsCHI&t=21s>. Acesso em: 08fev. 2022.
- BELLE, D. FOUCAN, S. **Entrevista de David Belle para Sebastian Foucan Parte 2**, Fécamp, 1998. (4 min). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Gdyp5I9cNGs>. Acesso em: 08fev. 2022.
- BELLE, D. **ENTREVISTA David Belle legendada**. Fécamp, 2008. (4 min.), son., color. Legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-qqG7b_ZCG4. Acesso em: 08 fev. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, p.231, 2018.
- B13 - 13º Distrito. Direção de Pierre Morel. Produção de Luc Besson. Intérpretes: David Belle. Roteiro: Luc Besson. Música: BastideDonny; Damien Roques. França: Europa Corp., 2004. (85 min.).
- CARVALHO, Rui Gonçalves de; PEREIRA, Ana Luísa. Percursos alternativos — o Parkour enquanto fenómeno (sub)cultural. **Revista Portuguesa de Ciências no Desporto**: Rev Port Cien Desp, Universidade do Porto Faculdade de Desporto Portugal, v. 8, n. 3, p. 427-440, dez. 2008.
- CARVALHO, Wallace Brehmer Gomes Rodrigues; DOS REIS VIANA, João Batista. PRÁTICA DO PARKOUR NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **ACTA Brasileira do Movimento Humano**, v. 6, n. 2, p. 20-33, 2016.
- DARIDO, Suraya Cristina. A avaliação da educação física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 127-140, v. 16.
- DERAKHSHAN, Nima; MACHEJEFSKI, Tony. Distinção entre parkour e freerunning. **Revista Chinesa de Traumatologia**, v. 18, n. 02, pág. 124-124, 2015.
- LORDELO, Eulina da Rocha. O papel do adulto e da criança como parceiros do desenvolvimento em Vygotsky. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum**, p. 26-32, 1998.

MOURA, Diego Luz; HENRIQUES, Ighor Amadeu Dias. Saltando na escola: uma proposta de unidade didática de parkour nas aulas de educação física. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 8, n. 2, 2018.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. Classificação da Pesquisa. Natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática—como elaborar TCC. Brasília: Thesaurus, 2016.

PEREIRA, Dimitri Wuo; ARMBRUST, Igor. Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola. **Jundiaí: Fontoura**, 2010.

PEREIRA, Dimitri Wuo; HONORATO, Tony; AURICCHIO, José Ricardo. Parkour: do princípio filosófico ao fim competitivo. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 23, n. 1, p. 134-152, 2020.

VAGHETTI, César, *et al.* DE TELHADO EM TELHADO: o parkour na educação física. **Revista Didática Sistemica**, v. 21, n. 2, p. 8-18, 7 ago. 2019.

8. ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa:

.....
.....

Nome do Orientador(a):

Nome do Pesquisador:

1. **Natureza da pesquisa:** A sra (sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade verificar as possibilidades da prática do Parkour em ambiente escolar e a viabilidade do mesmo como proposta pedagógica na Educação Física Escolar.
2. **Participantes da pesquisa:** Serão 62 alunos do Ensino Fundamental II, respectivamente as turmas 6º A e 6º B (31 alunos por turma).
3. **Envolvimento na pesquisa:** Ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que o (a) pesquisador Gustavo Silva de Freitas aplique seu projeto de pesquisa nas aulas de Educação Física juntamente ao docente responsável. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda de recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.) ou para a instituição. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do pesquisador do projeto.
4. **Sobre as entrevistas:** Não serão realizadas entrevistas, e sim aplicação de questionários curtos ao início e fim da pesquisa, estes que estarão disponíveis para sua aferição a qualquer momento da pesquisa para verificar os dados neles contidos bem como os diários de campo de que serão devidamente preenchidos pelo pesquisador no decorrer da pesquisa.
5. **Riscos e desconforto:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade ou dos que serão submetidos a pesquisa.

6. **Confidencialidade:** Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador(a) e o orientador(a) terão conhecimento dos dados, logo, os estudantes envolvidos não terão seus nomes revelados ou requeridos nos questionários aplicados.
7. **Benefícios:** Ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre aplicações metodológicas diversas que contemplem mais culturas corporais de movimentos, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa mensurar as possibilidades do ensino do Parkour em ambiente escolar, onde pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.
8. **Pagamento:** A sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Assinatura da Direção

Assinatura do Professor

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador: GUSTAVO SILVA DE FREITAS

(35) 98868-7248

Orientador: RAONI PERRUCI TOLETO MACHADO

(35) 99871-1471